

Cristina Mattos e Evaristo Eduardo de Miranda (Núcleo de Monitoramento Ambiental - NMA/EMBRAPA; Departamento de Ecologia Geral, IB/USP).

Rondônia continua na ordem do dia talvez por retratar, de forma mais impressionante, a dimensão e a dinâmica do impacto ambiental da colonização agrícola em floresta tropical úmida. Na porção oeste do Estado o Município de Machadinho d'Oeste é um exemplo deste tipo de colonização, iniciada pelo INCRA em 1982.

Em 1986, esta pesquisa levantou informações junto a cerca de 45% dos colonos do Projeto Machadinho permitindo a obtenção de um perfil agro-sócio-econômico bastante circunstanciado dos agricultores e da agricultura por eles praticada. Sua origem, condições, recursos disponíveis, sistemas de produção e acompanhamento institucional foram descritos. Tratava-se de uma agricultura totalmente manual, sem o uso de tecnologias modernas, com produtividades abaixo da média nacional, alta incidência de doenças e pouca capacidade de capitalização. Em cada um dos lotes de cerca de 45 ha, os colonos desenvolviam culturas de subsistência (arroz, feijão, milho e mandioca), culturas perenes (café, cacau e seringueira), fruticultura e pequena criação de animais domésticos.

Em setembro de 1989 todos os lotes pesquisados em 1986 foram revisitados, além de uma significativa amostra complementar dos agricultores instalados nos últimos três anos, com o objetivo de caracterizar o perfil agro-sócio-econômico dos agricultores e da agricultura existentes em Machadinho d'Oeste.

O segundo perfil mostra a cinemática dos processos de ocupação dessa região e permite algumas comparações. São dados paradoxais para os agrônomos, ecólogos e sociólogos responsáveis pela coordenação desta pesquisa. Eles indicam a simultaneidade da força e da fraqueza da agricultura de colonização em floresta tropical úmida. De um lado, a restrição das estratégias e opções, ao longo do tempo, é sempre um sinal da impotência e da inadequabilidade de determinados sistemas de produção frente às condições agroecológicas e sócio-econômicas da região. Ao mesmo tempo, outros sistemas e estruturas de produção são exemplos de desempenho, adequação e até solução para os determinismos locais, resultado da determinação e da criatividade dos agricultores, em alguns casos com a ajuda da pesquisa, da extensão rural e do fomento.

Um exame comparativo dos dados de 1986 e 1989 indica uma estabilidade astante generalizada no conjunto das variáveis levantadas: a maioria dos dados manteve-se com valores análogos na ordem de 5%.

Algumas situações evoluíram positivamente, como no caso da saúde, onde constatou-se uma redução da ordem de 17,7% na incidência de doenças e de 15,6% no número de dias parados por enfermidades. Passou-se de uma média de 55 dias parados para 39 dias, ainda um número muito elevado. Melhoras análogas foram observadas na situação da educação e da moradia, ligadas à capitalização natural e progressiva dos agricultores e do município.

Estas mudanças se traduzem nas preocupações dos agricultores. O financiamento agrícola, problema prioritário apontado em 1986, caiu em 25,9%, permanecendo, porém, em primeiro lugar como fator limitante da produção agrícola, seguido pela dificuldade para comercialização dos produtos, a qual aumentou 18,1%. Também no tocante à qualidade de vida, os agricultores apontam a saúde como sua principal necessidade, apesar da diminuição de sua prioridade em 4,7%, deixando em segundo lugar os problemas de transporte.

Este trabalho permite difundir e testar, nas condições específicas da colonização agrícola em floresta tropical úmida, novos procedimentos e métodos capazes de solucionar alguns problemas concretos ligados à caracterização técnica dos projetos de assentamento, principalmente no tocante à tecnologia agrícola e seu impacto ambiental.